

*A Bíblia dispõe de condições privilegiadas para descrever o aspecto ecológico do meio ambiente porque apresenta populações que sobrevivem em países de clima semi-árido e temperado como também em regiões à beira-mar e nas bandas do deserto. Devido à escassez de água e à improdutividade do solo sáfaro, a sobrevivência populacional estava condicionada à esporádica migração de uma região para outra sob as intempéries de um clima ameno ou adverso, à mercê da ação benéfica ou destrutiva da água da chuva ou da tempestade, da água doce das fontes e cisternas ou da água salobra de vertentes poluídas. Daí a água veio a ser usada na Bíblia como símbolo da vida.*

## Água na Bíblia

*Luís I.J. Stadelmann, SJ\**

---

\* O Autor é Jesuíta, Doutor em Língua e Literatura Semítica e Mestre em Ciências Bíblicas, e Professor no ITESC.



## Introdução

A Bíblia do Antigo Testamento tem sua origem nas regiões de clima semi-árido, árido e desértico. Não é de admirar-se que a água conste nessa literatura como um dos elementos mais necessários à vida da vegetação e do mundo animal e humano, tanto assim que, por falta de água, há o perigo do avanço do deserto nas regiões habitadas, cuja população é forçada a migrar para outros países.

Água é mencionada explicitamente para se beber, matando a sede de homens e animais. Não há referência à água para cozinhar, banhar-se e lavar a roupa, porque está subentendido. Nosso uso da água é múltiplo, embora em clima temperado, chegando a uma demanda cada vez maior, quanto maior for o progresso da sociedade agrária, da sociedade industrial e urbana, o desenvolvimento da agroindústria nas regiões rurais e o impacto do gigantismo metropolitano sobre a rede hídrica do país.

Enquanto na Bíblia se focalizam exclusivamente as condições de vida condicionada ao acesso à água potável da chuva, das fontes e dos rios, o mundo contemporâneo enfrenta uma crise devida à escassez de água em excessiva demanda por causa da irrigação de grandes plantações e de hortas hidropônicas, do funcionamento de numerosas hidroelétricas, da construção de piscinas para fins de lazer, da assídua lavagem de carros, garagens e pátios, da lavagem de cascalho nas lavras de diamantes, da inovação em banhos terapêuticos e relaxantes, da instalação hidráulica para hidroterapia nos apartamentos. Outro aspecto preocupante é o perigo de contaminação dos cursos de água e do lençol freático pela poluição industrial, pelos esgotos urbanos e pelos resíduos tóxicos das centrais nucleares, dos defensivos agrícolas e dos metais pesados nos garimpos.

Na Bíblia se menciona o duplo aspecto da água: benéfico e destrutivo. Podemos classificar os textos referindo-se às condições na Terra Prometida e na região dos pagãos. É de notar-se que, na Terra Prometida, os cursos de água têm sempre efeito benéfico, ao passo que o efeito destrutivo acontece em outros países.

## Água na Terra Prometida

A ação benéfica da água ocorre na Terra Prometida como também na situação de pessoas a serviço de Javé, o Deus tutelar da Terra Prometida. Na descrição da vida humana sob a proteção divina, o salmista usa a



imagem de um oásis convidativo para pousada, durante a viagem do peregrino através de lugares áridos e vales cheios de perigo. Quanto às circunstâncias favoráveis à caminhada dos peregrinos, são mencionados lugares de vegetação luxuriante e fontes de água potável, que são fatores propícios ao habitat de grupos humanos vivendo num povoado, como se pode ver no Salmo 23 sobre “o bom Pastor”:

<sup>1</sup> *O SENHOR é meu pastor: nada me falta.*

<sup>2</sup> *Em verdes pastagens me faz repousar,  
conduz-me até às fontes tranquilas*

<sup>3</sup> *e reanima minha alma.*

Para tornar atraente aos leitores o estilo de vida de um israelita de fervorosa vivência da fé, o salmista descreve a ventura do homem vivendo na proximidade de Deus, e essa ventura é comparada à árvore junto ao curso das águas. A água é símbolo da vida, cuja conservação e crescimento dependem de Deus; através da ação divina e da colaboração humana, torna-se fecunda em boas obras. Veja-se o Salmo 1, sobre “os dois caminhos”:

<sup>3</sup> *Ele (o justo) é como a árvore que,  
plantada junto ao curso das águas,  
produz fruto a seu tempo,  
e cuja folhagem não murcha:  
tudo o que ele fizer, há de prosperar.*

O cenário do jardim paradisíaco do Éden serviu de ilustração de Jerusalém como centro religioso do mundo inteiro. Veja-se o Salmo 46 como “prece pela paz”:

<sup>5</sup> *Há um rio, cujos braços alegram a cidade de Deus,  
a santa morada do Altíssimo.*

<sup>6</sup> *Deus está no meio dela: não pode ser abalada;  
Deus a socorre, desde o raiar da manhã.*

Na descrição de Sião como cidade santa, circundada pelos braços dum rio, se emprega, como metáfora do ambiente de paz, a imagem do paraíso banhado por um rio de vários braços. A claridade da luz ilumina o cosmo desde o primeiro dia da criação, contrastando com as trevas do caos. O motivo de ilustrar Jerusalém com imagens tiradas do paraíso é a comparação da cidade santa como morada de Deus, pois a afluência de peregrinos vindos dos países do mundo inteiro não se podia comprimir



dentro do Templo e por isso o sentido da expressão “morada de Deus” se aplicava por extensão à cidade inteira.

No livro do Apocalipse consta a comparação da “Nova Jerusalém” com o Paraíso (Ap 22,1-5), cujo elemento comum aos dois âmbitos é a abundância da água da vida para uma vegetação exuberante. O motivo de visualizar a morada dos bem-aventurados em termos de uma cidade é a ênfase no reencontro dos eleitos no céu, onde se concentram num centro urbano e não se retiram para seus respectivos nichos individualizados. A referência à propriedade medicinal das folhas da Árvore da Vida tem sentido figurativo para indicar a ausência de todo o mal físico.

“No meio da praça da cidade, com o rio de um lado e de outro, está a Árvore da Vida, que produz frutos doze vezes, cada fruto em seu mês, e as folhas dessa árvore servem para curar as nações” (Ap 22,2).

O rito de ablução foi o meio terapêutico usado pelo profeta Eliseu para curar Naamã, natural da Síria. Não se tratava da qualidade da água que contivesse ingredientes curativos, pois o próprio Naamã criticava o aspecto poluído da água do rio Jordão. O fator milagroso não consistia na água, mas no banho terapêutico para a cura da lepra sob orientação do profeta Eliseu (2Rs 5,14).

O rio Jordão era a fronteira oriental da Terra Prometida. No Êxodo o rio parou de correr quando os israelitas o atravessaram (Js 3-4). Igualmente a travessia desse rio era associado a um gesto milagroso de Elias quando bateu com o manto na superfície da água que estancou e ele passou a pé enxuto para a outra margem junto com seu sucessor, o profeta Eliseu (2Rs 2,8). Depois de sua despedida, Elias subiu para o céu num carro de fogo, como era apropriado ao profeta associado ao fogo. A seguir, o profeta Eliseu voltou ao rio Jordão e golpeou a superfície da água; esta parou de correr, deixando-o atravessar o rio a pé enxuto (2Rs 2,14). Eliseu ficou conhecido como profeta associado à água, por causa dos milagres relacionados à água para uso humano.

## Água fora da Terra Prometida

A ação destrutiva da água manifesta-se fora da Terra Prometida, não porque as regiões dos pagãos estariam sob o domínio do mal, mas porque a Divina Providência não se serve exclusivamente das forças telúricas e cósmicas para realizar os seus desígnios em favor do Povo de



Deus. Citamos um salmo que descreve a rota de uma tempestade desde a região do seu desencadeamento na costa do Mar Mediterrâneo, passando sobre as montanhas do Líbano, descendo pela fronteira oriental da Palestina e enveredando pelas bandas do deserto meridional, enquanto os israelitas observam atônitos esse violento temporal e se reúnem no Templo para o louvor de Deus. Veja-se o Salmo 29 sobre “o poder de Deus na procela”<sup>1</sup>:

<sup>1</sup> *Salmo de Davi.*

*Tributai ao SENHOR, ó filhos de Deus,  
tributai ao SENHOR glória e poder!*

<sup>2</sup> *Tributai ao SENHOR a glória do seu nome,  
adorai o SENHOR no esplendor sagrado!*

<sup>3</sup> *A voz do SENHOR sobre as águas  
– o Deus da glória troveja –,  
o SENHOR sobre as grandes águas:*

<sup>4</sup> *a voz do SENHOR é potente,  
a voz do SENHOR é majestosa.*

<sup>5</sup> *A voz do SENHOR arrebenta os cedros,  
o SENHOR estraçalha os cedros do Líbano;*

<sup>6</sup> *faz saltitar o Líbano como um bezerro,  
e o Sárion, como um novilho de búfalo.*

<sup>7</sup> *A voz do SENHOR aviva lampejos de fogo.*

<sup>8</sup> *A voz do SENHOR faz tremer o deserto,  
o SENHOR faz tremer o deserto de Cades.*

<sup>9</sup> *A voz do SENHOR convulsiona as corças em parto,  
ao desnudar as florestas;  
e no seu templo tudo brada: “Glória!”*

<sup>10</sup> *O SENHOR tem seu trono acima do dilúvio,  
o SENHOR está entronizado como rei eterno.*

<sup>11</sup> *O SENHOR dará poder a seu povo,  
o SENHOR abençoará seu povo com a paz.*

---

<sup>1</sup> Cf. Luís Stadelmann, *Os Salmos: Comentário e Oração*, Petrópolis, Editora Vozes 2001, p. 192-194.



## COMENTÁRIO

1-2 *Convite ao louvor*, dirigido aos anjos do céu, para lembrar aos fiéis, reunidos no santuário, que à liturgia terrestre se associa a celeste, na homenagem de louvor prestada a Deus, em sua presença (“nome”), para sua glória (“o esplendor sagrado”).

3-9 *Poder divino na natureza*, manifestado no desencadeamento de violento temporal, em meio a raios e trovões. A tempestade anunciada por sete estampidos de trovão, inicia sobre o Mar Mediterrâneo, passa sobre as montanhas do Líbano, desce pelas encostas do Antilíbano, segue em semicírculo para o deserto de Cades, ao sul da Palestina, fazendo estremecer a terra e gerando pânico no reino animal. A referência às corças em parto indica a época do ano, quando, na primavera, nascem as crias e ocorre veemente temporal na região. Enquanto os israelitas acompanham, atônitos, a força impetuosa da tormenta nas regiões fronteiriças de seu país, ressoa no santuário um cântico de louvor ao poder de Deus, a cujo serviço estão todas as forças da natureza. As “grandes águas” são imagem das violentas forças do caos, que o Criador reprimiu na criação do cosmo.

10-11 *Glória divina no santuário*, reverenciada nas celebrações litúrgicas. As preces de louvor são dirigidas a Deus, entronizado no alto do céu, donde controla as forças naturais. Implora-se que o poder divino, manifestado na natureza, reverta em benefício do Povo Eleito, mediante acontecimentos providenciais que favoreçam os fiéis em sua situação existencial.

Convém citar a referência às “grandes águas” como imagem das forças indômitas e violentas do caos, que foram reprimidas pelo Criador, tornando-se possível a criação do mundo, e desde então estão subjugadas sem jamais voltarem a ameaçar a estabilidade do cosmo (Dl 18,17; 29,3; 107,23; 144,7). Não se trata das águas revoltas do mar, mas é mera citação de uma metáfora em voga nos mitos pagãos visualizando o embate entre cosmo e caos. O poder do Criador é ilustrado também na intervenção divina em favor do profeta Jonas, quando foi salvo do afogamento nas ondas do mar, pois um grande peixe engoliu-o e o deixou na praia são e salvo. Trata-se da dramatização do pronto atendimento da prece de salvação que Jonas dirigiu a Deus “nas entranhas do peixe” (Jn 2,1-11).

A descrição idealizada da vida em plenitude dá um realce todo especial à abundância de água. Assim, o primeiro casal originou-se na



terra, e não no âmbito sideral onde existiria sua forma original sendo os terráqueos meras cópias, como é narrado nos mitos antigos<sup>2</sup>. A tarefa imposta aos seres humanos é fazer seu habitat na região de água abundante que era canalizada por quatro adutoras para abastecer o jardim do Éden, irrigando uma variegada e fértil vegetação. Constam até os nomes dos quatro canais: Fison, Geon, Tigre e Eufrates, indicando-se destarte a Mesopotâmia como país de origem da agricultura com base na irrigação. Foi esta uma das contribuições mais proveitosas da cultura agrária e da civilização como tal, florescendo graças às condições favoráveis ao ambiente natural da população local (Gn 2,10-14).

Surge a pergunta sobre o país de origem onde se originou a narração sobre o dilúvio. Como resposta procuramos algumas referências nas literaturas antigas. Parece que as culturas situadas à margem dos cursos fluviais podem oferecer mais indícios do dilúvio do que uma civilização que se desenvolvia na costa do mar. Nos textos da literatura dos sumérios, babilônios e assírios encontramos informação detalhada sobre inundações do vale da Mesopotâmia pelos rios Eufrates e Tigre, dando origem à narração do efeito desastroso do dilúvio sobre toda a terra (Gn 7-8). A tradição literária do dilúvio tem, pois, sua origem na cultura dos povos mesopotâmicos, como consta nos mitos babilônicos como também na narração da Bíblia que menciona o lugar onde a Arca de Noé ficava à deriva “sobre os montes de Ararat” (Gn 8,4).

O vale do Nilo era o lugar de uma florescente civilização desenvolvida pelo povo egípcio. E já que o país do Egito exercia uma grande atração sobre o povo israelita, cujo país situado nas colinas da Palestina estava sujeito aos longos meses de estiagem, os autores bíblicos não deixaram passar a oportunidade de descrever o perigo que o Nilo podia causar às populações ribeirinhas, subentendo-se o perigo do sincretismo religioso como séria ameaça à fé javista. Assim se compreende a narração das “pragas do Egito” que estão relacionadas com o rio Nilo, porque a civilização do Egito se originou do cultivo da agricultura e da cultura urbana às margens do Nilo (Ex 7-11). E para evitar que os israelitas voltassem ao Egito, foi inserida no relato do Êxodo a descrição da destruição do exército egípcio nas águas do Mar Vermelho (Ex 14,24-31).

---

<sup>2</sup> L. Stadelmann, “Criação do homem”, in: *NOTÍCIAS*, Páscoa 2001, Nº 229, p. 24-25.



Incluimos aqui outro relato associado ao Nilo. Trata-se dum episódio da infância de Moisés quando ele, deitado em seu berço, ficou escondido entre talos de papiro e protegido dos soldados egípcios à procura de israelitas clandestinos (Ex 2,1-4).

Outros episódios associados às lideranças do povo israelita aconteceram junto aos cursos de água na fronteira da Terra Prometida. Mencionamos o relato sobre o patriarca Jacó lutando com Deus perto do vau do rio Jabóc, que desemboca no Jordão (Gn 32,23-33). O motivo é que, no estrangeiro era preciso lutar em meio aos embates de discernimento dos sinais da revelação divina para descobrir os desígnios que a Providência reservara para a vida humana; não, porém, na Terra Prometida, pois aí bastava confiar em sua presença no Templo, onde os fiéis tinham a benevolência divina ao seu alcance. Aconteceu também um fato importante durante o Êxodo dos israelitas que sofriam por falta de água: graças à intervenção de Deus por intermédio de Moisés, foi saneada a água salobra de um poço encontrado, transformando-se em água doce na rota através do deserto de Sur (Ex 15,23-25). Neste contexto inserimos também a referência aos uádis da estepe meridional, na fronteira entre Israel e o deserto de Sur. Estes uádis estão sem água durante o ano inteiro, exceto no outono quando cai uma tromba d'água que enche o leito seco em torrente de águas caudalosas, conhecidas como “torrentes da perdição” que afogam as caravanas que acampam ali durante a noite (Sl 18,5).

O milagre da fonte de água descoberta no deserto aconteceu no Êxodo. Trata-se de um evento que comprova o “encontro” das decisões divinas com as humanas na história do Povo Eleito. Na marcha pelo deserto, os israelitas descobriram água brotando do meio das rochas ao pé do monte Horeb, quando Moisés bateu no rochedo para indicar que havia por perto uma nascente, encoberta por seixos (Sl 78,15-16). Isto, após o desespero por falta de água, que havia despertado em Meriba uma revolta geral do povo contra a Divina Providência (Nm 20,1-13).

## Água no Novo Testamento

Os textos do NT seguem o mesmo enfoque do AT sobre o duplo aspecto da água, quanto à ação benéfica e destrutiva sobre a natureza e a vida humana. É interessante notar como isso se descreve em duas cenas dramáticas à beira do lago de Genesaré. No lado ocidental desse lago, situada na Terra Prometida, são acalmadas as ondas levantadas por uma violenta tempestade (Mt 8,23-27 // Mc 4,35-41 // Lc 8,22-25), ao passo



que no lado oriental, fronteiro à região pagã da Decápole, é destruída por afogamento nas águas do mesmo lago toda uma manada de porcos por vingança dos demônios expulsos de dois endemoninhados por intervenção divina de Jesus (Mt 8,28-34 // Mc 5,1-20 // Lc 8,26-39).

A cena da proteção divina de Jesus sobre os discípulos em perigo de vida consta também em outro episódio descrito nos evangelhos. Trata-se da intervenção salvífica de Jesus que vem andando sobre as ondas agitadas do lago e se aproxima da barca dos discípulos em perigo de afogar-se. Prestes a sucumbir, o apóstolo Pedro vislumbra ao longe a figura de Jesus, cujo auxílio invoca. Como sinal de confiança, Pedro pede que o deixe ir ao seu encontro não depois de morto, mas em vida. Por isso, Pedro vai andando sobre as águas em direção a Jesus, que lhe estende a mão (Mt 14,24-33 // Mc 6,47-52 // Jn 6,16-21).

O uso medicinal da água é mencionado no relato sobre o borbulhar da água da piscina de Siloé, brotando de sua profundidade elementos curativos que se dissolviam de tempo a tempo e pouco a pouco iam perdendo a eficácia (Jo 5,4).

A ablução ritual de cunho religioso estava em voga entre os judeus (Jo 2,6), como também, como gesto simbólico, entre os romanos, por exemplo o gesto do governador Pilatos que no tribunal lavava as mãos para mostrar que estava isento de responsabilidade (Mt 27,24). No Templo de Jerusalém se praticava o rito de libações com água tirada da fonte de Siloé, durante os dias da festa religiosa das Cabanas (Jo 7,37-39), em recordação da água milagrosa que Moisés fez brotar dos seixos diante do rochedo no deserto (Ex 17,1-7; Dt 8,15 etc).

O rio Jordão é o lugar do batismo de Jesus (Mt 3,6 // Mc 1,4 // Lc 3,3 // Jo 1,26) como também do rito de conversão de João Batista em Ainão, perto de Salim (Jo 3,23). Convém lembrar que a água do rio Jordão não só tem aspecto poluído, mas também possuía uma vertente de água salobra como afluente. Essa vertente brotava na cidade de Jericó até o milagre operado pelo profeta Eliseu, que saneou suas águas (2Rs 2,19-22). Ora, Naamã, o general vindo da Síria, fez uma observação sobre a baixa qualidade da água do rio Jordão: este não tinha comparação com as águas cristalinas dos rios Abana e Farfar que se alimentam das nascentes das montanhas do Antilíbano.

Nas profecias sobre o fim do mundo é mencionado o efeito catastrófico dos desastres ecológicos sobre as águas dos rios, do mar e das nascentes, com imagens das pragas do Egito (Ap 8,7-11; 16,3-7).



Convém distinguir entre o fim do mundo e o fim da história da salvação, pois os dois não coincidem. Por isso as imagens apocalípticas de catástrofes ecológicas não se aplicam ao encerramento da história salvífica da humanidade, porque amedrontariam os seres humanos a tal ponto que não estariam em condições de apresentar-se ao Cristo glorioso na Parusia, pois para esse evento transcendente se requer a liberdade de opção pela esperança que nos eleva até Deus.

A tarefa de tirar água do poço era própria não só das mulheres, mas também dos homens, como se pode ver no relato do diálogo de Jesus com a samaritana no poço de Jacó, que abastece de água todo o povoado de Sicar (Jo 4,5-6). “O homem carregando um cântaro de água” serve de indicação do caminho para o cenáculo, porque sobressai do meio de pedestres (Mc 14,13; Lc 22,10). Consta, na narração da água convertida em vinho, que foram homens que encheram com água seis talhas de pedra (Jo 2,5).

Naufrágio em alto mar era um dos perigos de vida que o apóstolo Paulo enfrentou várias vezes. Ele sofreu três naufrágios no mar Egeu (2Cor 11,25) e o quarto quase lhe custou a vida ao viajar num navio que naufragou no mar Mediterrâneo, perto da ilha de Malta (At 27,13-44).

## Conclusão

As fontes renováveis de água potável dependem da chuva que cai sobre a terra e alimenta as nascentes e os rios. É de notar-se, porém, que, no ambiente carregado de politeísmo da época antiga, se associavam fantasias e especulações do folclore e das crenças religiosas, influenciando as concepções sobre o ciclo das chuvas. O monoteísmo da Bíblia desmitificou o universo das forças cósmicas, personificadas por divindades. Na verdade, os fatores climáticos que determinam o ciclo da chuva não estão sujeitos ao determinismo do sistema ecológico.

É interessante acompanhar o processo de desmitificação das concepções cosmológicas, começando por neutralizar os conflitos que existiriam no firmamento devido ao combate dos deuses uns contra os outros. De fato, o deus supremo do panteão dos deuses dos povos da Antigüidade não era o Ser Supremo dominando sobre o universo, na figura de Criador e Soberano, mas um guerreiro mitológico em luta constante contra as forças cósmicas e telúricas. Esse guerreiro era representado pela figura do deus da tempestade, como por exemplo: Zeus entre os



gregos, Júpiter entre os romanos, Odin entre os povos nórdicos, Teshub entre os hititas e Baal entre os cananeus. Ora, concepções mitológicas e crenças supersticiosas em divindades não são superadas com o progresso tecnológico, mas com um sistema religioso que substitui as crenças nas divindades, ligadas às forças da natureza, e adota a revelação divina da religião bíblica, na qual Deus se autocomunica como Senhor da natureza e dos acontecimentos. Com efeito, Deus sobrepõe-se ao espaço e também ao tempo, ao clima e às estações do ano, impondo ao caos primordial e ao destino do homem a sua vontade sábia e soberana. Jesus revela que Deus distribui seus dons às criaturas com liberalidade e gratuidade:

*“Deus faz chover sobre justos e injustos” (Mt 5,45).*

A gratuidade de Deus e sua benevolência em distribuir seus dons às criaturas é o tema do Salmo 65, sobre a “ação de graças pela colheita” (Sl 65,10-11):

*<sup>10</sup> “Visitas a terra, irrigando-a  
e enriquecendo-a com prodigalidade;  
com divinal ribeiro, cheio de água,  
lhe preparas os trigais.  
Assim a preparas:*

*<sup>11</sup> regas seus sulcos, nivelas suas glebas,  
com as chuvas a amoleces, abençoa o crescimento”.*

O aspecto ecológico do mundo de hoje chama a atenção sobre as causas do esgotamento das fontes renováveis de água potável e adverte a sociedade rural, industrial e urbana que se conscientize da responsabilidade pela preservação não só do ecossistema, mas também da implantação de medidas eficazes contra o risco de escassez de água doce.

### **Endereço do Autor:**

Colégio Catarinense

Caixa postal 153

88010-970 Florianópolis, SC

email: [peluis@colegiocatarinense.g12.br](mailto:peluis@colegiocatarinense.g12.br)